Gleidson Rodrigues

Transmantiqueira

30 dias entre o céu e a terra.

Para todos aqueles que
desejam algo mais desta vida.

Sumário

Prefácio_____5

1° dia - Zero em planejamento_____10

2° Dia - Encarangando de frio em Monte Verde_____20

3° Dia - Todos os picos de uma vez_____28

4° Dia - Em direção a São Bento do Sapucaí_____33

5° dia - Caronas são sempre bem vindas_____41

6° dia - Cachoeira do Simão_____50

7° dia - Desviando para Cristina_____57

8° dia - Uma cidade tranquila_____61

9° dia - Rapel na pedreira_____63

10° dia - Cachoeira do Cruzeiro_____65

11° dia - Um dia de camping_____72

12° dia - Doze horas de caminhada_____76

13° dia - Cachoeira dos Amores_____85

14° dia - Flor alucinante_____87

15 ° dia - Vamos para a Ana Chata_____89

16° dia - Via ferrata face norte_____93

17° dia - Bosque da bruxa_____99

18° dia - O caminho do horto florestal_____102

19° dia - Tempestade no caminho_____110

20° dia - Nos confins do Delfim_____117

21° dia - Uma casinha de madeira_____121

22° dia - Tempestade no Careca_____126

23° dia - Afogados no buraco_____136

24° dia - Quase perdidos_____141

25° dia - Agora sim perdidos_____148

26° dia - Acampamento secreto_____159

27° dia - A crista mais linda do Brasil_____164

28° dia - Um vale claustrofóbico_____169

29° dia - Pico do poste caido_____172

30° dia - O fim que foi um começo_____182

Picos e montanhas percorridas_____185

Prefácio

O ano é 2016. Fazem dois anos que meu casamento terminou, treze anos que acabaram de forma traumática.

Três filhos, Thaina, Guilherme e Evelyn, somente os dois últimos moravam comigo, Guilherme na época com 17 anos e Evelyn com 8.

Ficou um vazio que eu precisa preencher, a maioria das coisas perderam o sentido, todos os planos precisariam mudar a partir de então.

Já havia deixado meu emprego estável em uma grande empresa do ramo jornalístico de São Paulo, a profissão de administrador de redes que tanto amava perdeu a graça.

Olhando para trás sentia que tinha vivido como que amarrado até então, uma sensação de tempo perdido com tantos erros na forma de viver.

Não estava feliz e nem tinha sido, apesar de ter acumulado tantas experiências.

Entrei no clube de Desbravadores com 8 anos, ficava doido de ver minha irmã indo acampar e usando um uniforme tão bonito, também queria aquilo.

Como todo irmão mais novo a gente tem vontade de imitar os mais velhos, mesmo inconscientemente acabamos fazendo isso.

No clube de Desbravadores aprendi todas as técnicas de acampamento, ordem unida, habilidades manuais e principalmente lidar com corda, nós e amarras, coisa que foi crucial para meu trabalho atual.

Alcancei todas graduações disponíveis na época através das classes progressivas até me tornar líder de Desbravadores.

Trabalhei com crianças e adolescentes servindo de diretor de clube, distrital e depois regional (orientador de vários clubes em uma região).

Apesar dessa atividade ser voluntária deixou uma semente no meu coração que viria a germinar e brotar em forma de amor pela natureza e atividades ao ar livre.

Participava de muitos eventos aos finais de semana e durante a semana me dedicava aos computadores.

Parecia que estava indo tudo bem.

O término do relacionamento ao invés de ser ruim me trouxe uma espécie de despertar.

Olhei e vi que estava no caminho errado, pois não era feliz.

Como assim vou viver tão poucos anos aqui nesta terra e não ter prazer nisso?

Essa pergunta ficou na mente, a todo momento olhava meu modo de viver e pensava que estava tudo errado, mas não sabia exatamente o que fazer em relação a isso.

Foi então que rompi com o trabalho e fiquei por um tempo assim como que em estado suspenso, sem um objetivo, mas buscando um.

Em um domingo fui convidado para levar um antigo clube de Desbravadores que participei durante a adolescência, o Centauro, da Igreja Adventista Central Paulistana, para fazer uma trilha na Cachoeira da Fumaça em Rio Grande da Serra, São Paulo.

Fomos com cento e dez crianças aproveitar o domingo ensolarado nessa conhecida trilha de São Paulo.

Depois acabei postando algumas fotos na rede social e uma mulher que viria a se tornar uma grande amiga a Sandra Paiva, comentou perguntando se eu não poderia levar alguns amigos dela lá também.

Respondi que sim e fizemos um grupo de Whatsapp para a ocasião.

Surgia o grupo Trilha & Trilhas S.A. que atualmente uso para realizar eventos como esse, de trilhas, acampamentos e viagens.

Nesse mesmo ínterim, outro amigo já velho conhecido do clube de Desbravadores o Thiago Araújo me convidou para ajuda-lo em um evento de rapel na Ponte Sumaré.

Acabei fazendo muitos amigos e um desses me disse.

— Porque você não faz um evento semanal de rapel lá na ponte Sumaré?

—Eu fazer evento? Ah não, de jeito nenhum. — Respondi.

E foi assim que surgiu a VerticalNegativoSP e estamos lá até hoje, toda quinta-feira a noite praticando rapel e pêndulo humano.

As coisas foram simplesmente acontecendo, sem nenhuma intenção de ser.

Mas o fato é que tudo isso mudou meu foco, agora já longe dos computadores, resgatei toda vivência que tive com o clube de Desbravadores e comecei a viver profissionalmente de aventura.

Os anos foram passando e mesmo com toda agitação dessa mudança de vida ainda faltava algo. Eu queria mais.

Acho que no fundo eu desejava ter uma experiência marcante, algo que me tirasse dessa vida turbulenta da cidade, queria sair fora do ciclo da vida moderna e saber o que tem além disso.

Foi com esse desejo que comecei a procurar na internet a trilha mais longa do Brasil e achei a Transmantiqueira.

Queria viver com o mínimo possível e saber se minha capacidade seria suficiente para percorrer quinhentos quilômetros dessa travessia em 30 dias.

E o mais importante...planejei não fazer planos.

1° dia

Zero em planejamento

A dúvida é o princípio da sabedoria.
Aristóteles

Rodoviária...um lugar de partidas e chegadas, alegrias e melancolias.

Pessoas de toda parte, gente diferente. Um espichado, outro espremido, tem também o largo e o encolhido, andam apressados de um lado para o outro, uma confusão que embaralha a cabeça da gente.

A vida nas grandes cidades faz o povo estar sempre atrasado para alguma coisa, é tanto compromisso que não sobra nem tempo para viver.

Que coisa!

Desapercebidos, vivemos sem saber para que. Quando nascemos já tem uma lista pronta; estudar e formar-se, fazer um doutorado ou algo mais. Seguindo a receita, ainda precisa de um par, para constituir família com filhos, mas um cachorro também serve.

Trabalhar bastante, e se tiver que dobrar o horário

melhor ainda, todos querem algum cargo importante, porque afinal de contas isso é o sucesso, pelo menos é o que me disseram pela televisão.

O curioso de tudo isso é que, por mais que consigamos os tais cargos e salários, o dia mais celebrado da semana é sexta-feira, pois finalmente poderemos deixar o trabalho, que nos esforçamos tanto para conseguir. Descansar, relaxar e fazer as coisas que gostamos, pelo menos é o que se deseja, mas sempre tem o aniversário de alguém, uma reunião extra ou alguma tarefa que não deu tempo de fazer durante a semana. No fim das contas o sofá é o melhor lugar do mundo, já que estamos exaustos para viver mais do que isso.

No programa da televisão dizem. — Boa noite e boa semana!

O fim de semana passou e nem deu tempo de descansar.

O ciclo cruel inicia-se novamente, trânsito, stress, cobranças, disputas, excesso de trabalho.

Desvalorizados e insatisfeitos, passamos a vida inteira dentro dessa "prisão social".

Chega a velhice e vem a aposentadoria, para agora

sem energia e vitalidade tentarmos aproveitar o merecido descanso.

A média de vida dos brasileiros é de 72 a 79 anos, e a maior parte destes anos passamos buscando chegar em algum lugar confortável para então, somente a partir dai, usufruir da felicidade.

Mas e essa tal felicidade que tanto se busca? por certo parece uma miragem, lá longe, um pote de ouro no final do arco-íris que nunca chega.

Ah mas "quando eu fizer isso serei feliz", quando tiver aquilo ficarei satisfeito, assim que eu alcançar aquilo outro, aí sim estarei pleno.

O tempo passa, e quando a gente percebe a vida passou junto, e o que fizemos dela?

O momento de fazer “algo” chegou.

Sentados no chão, recostados na mochila, eu e Mariana aguardamos o ônibus na plataforma 42.

Uma pomba corre entre os passantes, tentando desviar de todas essas pernas, de repente ela escorrega e cai, pobre pomba, parece estar sofrendo de algum tic nervoso, ou transtorno moderno desses que acomete os cidadãos metropolitanos.

São onze e quarenta e cinco da manhã.

— Quem está esperando o de meio dia pode vir. — Anuncia um rapaz de uniforme alinhado e crachá no peito.

Colocar a mochila cargueiro no bagageiro é sempre uma manobra dificultosa, dado o tamanho e peso, afinal de contas serão 30 dias de caminhada.

Sento na poltrona e logo percebo o ambiente abafado, todas janelas estão fechadas.

O motorista dá a partida.

Nesse momento sentimos um estranho frio na barriga, um misto de sensações, alegria e medo.

O que vamos encontrar pela frente? que cenários? que situações?

O calor aumenta, quase todas as janelas estão fechadas e não há ar condicionado.

— Fecha esse vidro, vai tomar friagem e ficar doente! — Uma senhora no banco detrás diz para a filha.

Estamos na época do H1N1, uma gripe que tinha contagiado a muitos. Sociedade frágil, com saúde debilitada, alimentação de péssima qualidade, e hábitos piores ainda.

O ar puro é um dos 7 remédios naturais. Viver em aglomerações trouxe diversos males, entre eles a propagação de doenças. Ambientes fechados com pessoas doentes resulta em mais pessoas doentes.

Respirar ar puro, fresco e renovado, para que o organismo livre-se de impurezas e traga vitalidade as células do corpo, era uma das coisas que buscávamos.

Em alguns minutos já estávamos dormindo, a semana havia sido intensa.

Quinta estivemos no evento da VerticalNegativoSP-Ponte Sumaré, praticando rapel e Jump (pêndulo humano), estávamos falando da viagem a muitos dias, já tínhamos decidido iniciar a jornada sábado pela manhã, mas como a maioria das pessoas, também tinhamos o hábito de não preparar as coisas com antecedência.

Alguns montanhistas que fizeram essa travessia se prepararam anos para isso, rotas, logística, apoio, etc. Lá estávamos nós, partindo para a maior aventura de nossas vidas e arrumando as mochilas na própria rodoviária, instantes antes de embarcarmos .

Esqueci de imprimir os mapas e não compramos comida, nem um mísera pilha para as lanternas.

— Que tipo de gente é essa? — Raciocíno.

Um sentimento de que vai dar tudo certo, e uma preferência pelo desafio de descobrir "como fazer isso" no decorrer do caminho.

Um trânsito enorme na rodovia Fernão Dias permitiu que descansássemos por mais algumas horas.

Finalmente o primeiro sinal da Mantiqueira desponta ao longe, era o Pico do Lopo em Extrema (Minas Gerais), todo coberto de nuvens baixas.

O ônibus fez uma parada em Extrema, e logo depois em Itapeva, na sua minúscula rodoviária. A simplicidade do lugar denota que já estamos longe da agitação frenética da metrópole Paulistana.

Nosso ponto final chega, Camanducaia (Minas Gerais).

Saindo da rodoviária seguimos a pé rumo ao centro, que em todas as cidades do interior é onde fica a praça principal.

Perguntamos para dois senhores a beira do caminho, onde poderíamos pegar um transporte para Monte Verde.

— É só descer aqui e vocês encontrarão as pessoas

lá em baixo aguardando o ônibus. — Disse um deles.

— Não! Ta doido? por ai é longe, vocês vão andar muito, é longe pra arrebentar mesmo. — O outro interrompe.

Se um mineiro diz isso nesses termos você pode acreditar.

Ele aponta para que subamos uma rua a frente, passando pela igreja até a praça central, e disse que lá encontraríamos um ponto em frente a farmácia.

O clima de cidade pequena por si só já traz paz de espírito. Pracinhas, ruas estreitas e pessoas caminhando com sorriso no rosto, uma grande diferença dos grandes centros urbanos, onde todos andam de cara azeda.

Um microônibus encosta.

Eu já fico “engastaiado” na porta com a mochila enorme.

A viagem dura cerca de trinta minutos, subindo sempre por uma estradinha estreita e perigosa.

Monte Verde surge, com a maior parte encoberta pela névoa.

Desembarcamos sob uma fina garoa, nada que tire o glamour da cidade dos apaixonados, que é como a chamam.

Passamos na Cachaçaria das Gerais para degustação de queijos e cachaças, de graça é ainda melhor.

Imagino trinta dias sem saber ao certo o que e onde comeríamos, resolvemos fazer uma boa refeição na pizzaria Roma que fica na avenida Monte Verde mesmo, o preço é econômico e a pizza é deliciosa.

Após subir uma escadinha chegamos no ambiente acolhedor e confortável.

Uma pizza quentinha cai bem para enfrentar o frio da região.

Se vamos passar todo esse tempo na natureza é bom aproveitar momentos de fartura, pois não sabemos quando acontecerá novamente.

Olho pela janela e vejo a noite cair, a garoa fica um pouco mais grossa, mas é hora de começar a caminhar.

O nome da rua que subimos já inspira como será os próximos dias "Rua das Montanhas". Logo a frente vemos um pórtico, e entramos a direita nele, o local é bem sinalizado.

A subida para o portal dos picos é leve no começo mas logo se transforma em uma ladeira sofrida, após trinta minutos de caminhada um jipe Susuki diminui a velocidade e para ao lado.

— Querem carona? — O motorista pergunta.

Um sorriso afirmativo é a resposta.

O senhor Júlio conta que aprendeu o valor de uma carona, ao fazer o Caminho da Fé (Travessia de Borborema a Aparecida do Norte, 742km).

Após dez minutos subindo, o caminho fica mais íngrime ainda e a névoa torna o avanço difícil.

— Vou deixa-los aqui pois tenho que voltar. — Diz o senhor Júlio acenando e desejando-nos boa sorte.

Desembarcamos em frente a uma residência, o morador senhor Luís Fernando estava saindo e já diz, — Querem uma carona até o pórtico? deixo vocês na entrada do parque.

— Puxa vida sim! queremos. — Responde Mariana, animadíssima.

— Mantiqueira "a serra que chora", vocês vão pegar bastante umidade.

— Adverte o senhor Luis.